

Meu coração carnavalesco
Não foi mais que o adereço
Teve um dez na fantasia
Mas perdeu em harmonia
Sei que atravessei um mar de alegorias
Desclassifiquei o amor de tantas alegrias

(Dona Ivone Lara e Jorge Aragão)
Enredo do meu samba

O *meu coração carnavalesco* não nasceu em berço de bamba. Para desfilar na passarela de emoções, *atravessei um mar de alegorias*, algumas delas enormes, esteticamente bonitas, bem-acabadas, reconhecidas, valorizadas, outras nem tanto. Narro minha história, não para enaltecer um herói e conquistar notas máximas no quesito evolução. Relembrando percursos que me fizeram chegar até aqui, atualmente Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Os caminhos trilhados nesse texto versam sobre as aprendizagens colhidas pelas andanças nos espaços das escolas de samba, bem como as reflexões mobilizadas por esses saberes que me possibilitaram repensar e ressignificar a minha atuação docente na Escola Básica. Trata-se de um recorde do meu memorial de vida e formação presente na minha dissertação de mestrado, defendida em 2021, intitulada “*A batucada que se espalha nesse chão*”: *narrativa docentes, samba e educação antirracista*. Dessa forma, “tenho feito desfilar as histórias em que vou vivendo, colocando-as para movimentar outras histórias nas práticas pedagógicas, na formação de professores” (FILÉ, 2010, p. 124), conforme discorreu o professor-pesquisador Valter Filé. Este reitera a importância de narrarmos nossas histórias, uma vez que tais relatos potencializam a nossa capacidade de compreendermos a nós mesmos e aos outros. Tais narrações podem nos levar a refletir sobre a direção que estamos dando aos nossos passos, perceber que os desafios enfrentados por nossos pares se assemelham com os nossos.

Na tentativa de entrelaçar a minha trajetória de vida com a atuação das escolas de samba nas últimas décadas, elegi como primeira etapa para esse diálogo o quesito enredo, um dos itens avaliados pelo corpo de jurados nos desfiles do Carnaval carioca. Ele consiste no tema escolhido pela agremiação para desenvolver a sua apresentação, seja na Avenida Marquês de Sapucaí ou na Intendente Magalhães. Uma das primeiras missões do responsável por elaborar a parte artística do cortejo é a seleção daquilo que será

narrado. Dentre tantas histórias possíveis de serem contadas, quais não poderão faltar na apresentação da escola? Qual será o fio condutor da narrativa? É possível contar tudo?

Tal como ocorre com carnavalescos nos processos de seleção dos acontecimentos e dos fatos marcantes eleitos como fundamentais para a composição da escrita da sinopse dos enredos, os caminhos que me conduziram à pesquisa também me desafiaram a fazer escolhas. Quais elementos devem ser enumerados na constituição do meu processo formativo? Quais memórias elencar? O que não poderá ficar de fora do texto? Nessas encruzilhadas da escrita, o ato de narrar a (auto)biografia reacende os desafios de se reconhecer como sujeito e objeto da própria investigação ao assumir concomitantemente os papéis de escritor, narrador e personagem desta história. De forma similar aos carnavalescos, pretendi desenvolver um “enredo de fácil leitura” para o público, pois sabemos que uma narrativa confusa e permeada por ideias truncadas, seja na produção de um memorial de formação, seja um tema carnavalizado para a Avenida, pode não despertar o interesse de quem o acompanha.

Correm pelas bocas de sambistas que, quando uma escola não tem um enredo ou mesmo um samba-enredo avaliado como “interessante”, os espectadores da folia aproveitam para circular: saem de seus lugares nas arquibancadas ou de outros setores do sambódromo para lancharem, ir ao banheiro, tirar um cochilo, etc. Assim, fazer uma pausa durante a exibição de uma escola, pode, muitas vezes, ser um recado do público para a escola sobre as impressões que o enredo está provocando nas arquibancadas. Essa desidentificação com a proposta da escola, tanto pode estar relacionada ao tema do enredo escolhido, quanto à opção metodológica dos carnavalescos.

Nesse movimento de leitura dos movimentos com o samba percebo que construir um enredo é construir uma narrativa para ser compartilhada por milhares de pessoas. Uma narrativa que “não se entregue, que conserve suas forças e depois de muito tempo ainda seja capaz de se desenvolver”, como nos ensina Benjamin (1994, p. 204). Desfiles antológicos como *O Quilombo dos Palmares do Salgueiro* (G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, 1960), *Aquarela brasileira* (G.R.E.S. Império Serrano, 1964), *Kizomba, festa da raça* (G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, 1988) *Ratos e urubus, larguem a minha fantasia* (G.R.E.S. Beija-flor de Nilópolis, 1989) exemplificam a potência de narrativa que conserva suas forças. Construir uma narrativa que mobilize a atenção e a identificação dos espectadores é um desafio para carnavalescos. Este também é um desafio para mim, um professor-pesquisador-carnavalesco, que vem buscando investigar em sua história de vida e formação os caminhos que me levaram ao tema pesquisado, bem como

mobilizaram sua busca por outras narrativas docentes que entrecruzaram samba-enredo, espaços educativos e práticas antirracistas.

Outras analogias entre as ações dos carnavalescos e de minhas ações investigativas de professor-pesquisador-carnavalesco foram se colocando para mim. Assim, os meandros próprios das artes das escolas de sambas, tais como os percalços, atropelos, andar malandreado, o “riscar o chão” dos passistas, o sair da linha reta, o perder-se, tornaram-se muito mais inspiradores para a pesquisa do que uma “cientificidade moderna, positivista, pragmática, objetiva e neutra”. Contudo, isto não significava abrir mão da verdade, deixando de estranhar o familiar no transcorrer do movimento da pesquisa.

No malandrear pelas encruzilhadas do Complexo do Lins, da Mangueira e da Maré, fiz da metodologia da pesquisa narrativa, um toque para Exu. Na tradição nagô é o orixá mensageiro, o princípio cosmológico que movimenta os formatos cristalizados e produz inversões dos padrões estabelecidos. Guiado por esses preceitos exusíacos, optei por trilhar outros caminhos na escrita acadêmica, cujo tradicional afastamento do sujeito e objeto, tornou-se inviável, ao grifar em cada página as implicações da minha história e formação. “Trata-se, porém, de uma leitura conduzida pelo próprio ‘objeto’ e que assume o risco do envolvimento ou da paixão” (SODRÉ, 1998, p.10).

Nesta texto-desfile, atravessei por diversas avenidas, umas enormes, outras bem pequenas, com a difícil missão de chegar a alguma resposta e ser conclamado pela banca de jurados como aprovado. A ansiedade para saber a percepção dos examinadores sobre o trabalho precisa aguardar a leitura das justificativas e contribuições que só ocorrem após a apresentação final. O enredo da dissertação ora apresentada teve como intuito investigar algumas questões latentes no meu processo formativo iniciado antes da minha entrada no Curso de Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2012 e que percorre diversos caminhos até desembocar no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação pela mesma instituição em 2019.

As etapas que culminaram com o pisar na faixa amarela onde está escrito a palavra final se iniciaram muito antes do acender das luzes. Na verdade, é no final da primeira infância que me deparo com as interrogações iniciais que carrego comigo até os dias de hoje nas batucadas da vida. A dificuldade de recordar de momentos vividos na primeira infância revelou para mim a produção de um esquecimento proposital com objetivo de tentar lidar com as emoções, traumas e dores de um menino tutelado por uma família

católica em que o certo é exercer os padrões de heteronormatividade, se pisar fora da faixa, e neste caso não estou me referindo à amarela da Sapucaí, era motivo de castigos, sanções e críticas. Crescer em um ambiente no qual não me identificava com nada o que via ao seu redor refletem a minha preocupação com a presença de imagens em que as pessoas possam se ver refletidas e representadas.

A passagem da infância para a adolescência foi decisiva ao aprender a segurar na caneta e começar a escrever uma história mais autoral, uma narrativa em primeira pessoa e com menos meandros do que esperavam de mim, do que deveria narrar para o grande público e como es que me financiavam gostaria que eu me comportasse. Nessa fase mais “autêntica”, encontro no Centro Educacional Teresa Cristina es amigas fundamentais que selecionei para integrar a Ala da Força, para me ajudarem a seguir em frente, me dando empurrões, quando paraliso com medo dos desafios. Foi neste espaço, após uma atividade proposta pela professora de História, que estreitei os meus laços afetivos com as escolas de samba, iniciado dois anos antes, ao visualizar na televisão o desfile da Acadêmicos do Grande Rio sobre o estado do Amazonas. Como escreveu o compositor portelense Chico Santana “não sou do morro, mas eu gosto de samba”, depois desse episódio, via no samba um espaço de transgressão, libertação e resistência. Sinto-me finalmente contemplado com aquela manifestação cultural da escola de samba de Duque de Caxias.

Ano após ano, acompanhando os ensaios preparatórios para o carnaval, conheci na quadra da Grande Rio, Maria de Fátima Machado, professora da Creche e Pré-Escola Municipal Abne Marques de Abreu, na Vila Centenário. A partir do projeto de apadrinhamento que realiza anualmente no espaço educativo, adentrei em uma creche pela primeira vez. Ao olhar atentamente cada situação, algumas perguntas me saltavam: como uma professora que é passista leva o samba para a creche? Quais movimentos são necessários para o samba estar presente nesse espaço? De que forma ele contribui nas práticas antirracistas? O fato da Maria de Fátima ser passista acentua o estudo dessa temática na creche? Tais questionamentos iniciais me levaram a percorrer por diversas ruas, estradas e principalmente avenidas com objetivo de responder a estas e outras provocativas.

A figura do professor-pesquisador-carnavalesco surge como uma denominação referente ao entrecruzamento das minhas diferentes funções. O que une tais cargos? E o que os separa? Como essa autodeclaração tem me mobilizado a procurar as respostas que carrego comigo há alguns anos? Tal conceito refere-se a pessoas como eu, formadas como

professores, a partir de diversos espaços do saber, que pesquisam suas práticas docentes em um convite para a conversa entre pares, bem como pensam as escolas como lugares de movimentos, amizades, culturas, atravessamentos e experimentações e, sobretudo, que encontraram no samba um ponto de reflexão, engajamento e resistências aos padrões socialmente atribuídos. No entendimento de que a sala de aula é o palco do erro, da criatividade e da subversão, invoquei o orixá Exu, para abrir os caminhos para me seguir pelas encruzilhadas que tracei na escuta ritmada de outros docentes que também se reconhecem enquanto professores-pesquisadores-carnavalescos.

Ouvir os professores levando comigo seus ensinamentos e com estes pisar na faixa amarela onde está escrito a palavra final, e acreditar que a pesquisa chegava em seu desfecho, me fez lembrar o desfile da Estação Primeira Mangueira no supercampeonato de 1984, ano de inauguração do Sambódromo carioca, quando chegando à Praça da Apoteose, a escola em vez de sair pelos portões, retornou para a Avenida e recomeçou o seu desfile na direção inversa. Atrás da verde e rosa, uma multidão de espectadores invadiu a pista e acompanharam este feito inédito.

Fecho, assim, pensando que da mesma forma como a chegada da Mangueira na Praça da Apoteose não determinou o desfecho do desfile, mas abriu um novo ciclo, anunciando outras possibilidades para desfilar/atravessar a Avenida, essa pesquisa narrativa também me possibilitou a olhar o inverso, a seguir o anti-horário, a aprender com os buracos do caminho e a estar aberto às novas aprendizagens que vão sendo produzidas nas avenidas da vida.

Referências

FILÉ, Valter. Tentativas e tentações: batidas no território da linguagem. *In*: OLIVEIRA, Inês B. (Org.). *Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010, p. 123-134.

MOREIRA, Phellipe Patrizi. “*A batucada que se espalha nesse chão*”: narrativas docentes, samba e educação antirracista. 2021. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. 2º ed. Rio de Janeiro: Maud, 1998.